

CRIAR O PRÓPRIO POSTO DE TRABALHO



Programas do Instituto de Emprego e Formação

O IEFP disponibiliza dois programas aos desempregados. As Iniciativas Locais de Emprego já permitiram criar 7764 empresas e o Apoio à Criação do Próprio Emprego já gerou 4682 firmas.



De desempregado a

12 446 empresas foram criadas em três anos (2006-08) por trabalhadores que perderam o seu posto

PEDRO ARAÚJO
paraujo@jn.pt

Os números não enganam. O IEFP ajudou ex-desempregados a criar 12 446 empresas ao longo de três anos (2006-08). As histórias multiplicam-se. Despedido? Os empregadores não lhe dão trabalho? Há sempre uma solução...

Os dados fornecidos ao JN pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) mostram que o empreendedorismo pode mu-

to bem ser a solução para quem perde o seu posto de trabalho e não encontra quem o empregue. As Iniciativas Locais de Emprego (ILE) e o Apoio à Criação do Próprio Emprego (APE) têm sido programas do IEFP responsáveis por retirar milhares de portugueses do desemprego. As ILE foram responsáveis pela criação de 7764 empresas e os APE por 4682 numa tendência crescente entre 2006 e 2008. Contas feitas, estes dois programas foram responsáveis pelo

surgimento de 12 446 organizações, grande parte delas microempresas, que constituíram a salvação para muitos milhares mais de desempregados.

Os APE consistem basicamente na antecipação do montante global do subsídio de desemprego (prestações vincendas), podendo o desempregado criar então o seu próprio posto de trabalho, isto é, apresentar um projecto de investimento que consista numa empresa ou qualquer acto

de empreendedorismo devidamente fundamentado e verificável pelo IEFP. Os critérios são suficientemente discriminados para que o projecto tenha alguma viabilidade. O candidato deve, por exemplo, indicar a escolha da actividade, mas convém que a pessoa em causa tenha alguma experiência profissional ou conheça bem o mercado.

As ILE visam também incentivar e apoiar projectos que dêem lugar à criação de novas entidades, vi-

sando a criação líquida de postos de trabalho numa lógica de investimentos de pequena dimensão que dinamizem as economias locais. Desempregados, jovens à procura do primeiro emprego e trabalhadores empregados, mas em risco de desemprego, são os principais destinatários das ILE. As maiores são mais por cada posto de trabalho preenchido por desempregados de longa duração (sem trabalho há mais de 12 meses), des-

Reportagem

JOSÉ VINHA
economia@jn.pt

É um caso de sucesso e um exemplo de como se pode dar a volta à crise. Até ao ano passado, Cátia Rodrigues, solteira, de 29 anos, exerceu funções de chefe de secção numa das fábricas do grupo de calçado Investvar, que representa Aerosoles em Portugal, em Castelo de Paiva. Percebeu que o futuro da Aerosoles estava em risco e que o despedimento seria inevitável. Tomou a iniciativa de propor a rescisão do contrato de trabalho, decidida a montar uma fábrica para prestar serviço à própria Aerosoles. Acabou por cair no desemprego, até meados deste ano, período que aproveitou para desenvolver um projecto com vista a criar uma micro-empresa na área do calçado.

Cátia Rodrigues contactou o IEFP, em S. João da Madeira, e o Centro de Apoio à Criação de Empresas do Vale do Sousa e Baixo Tâmega, sediado na Zona Industrial de Felgueiras, Sobrado (Castelo de Paiva) aos quais apresentou um projecto para a criação de uma fábrica de corte e costura de calçado. "Enquanto estava desempregada projectei a minha empresa. Não queria voltar a ser operária por conta de outrem, não tinha saída profissional à vista e, como já conhecia o ramo do calçado, aventurei-me a montar a minha própria fábrica", conta.

O processo burocrático foi extenso e "demorou imenso tempo",



Cátia Rodrigues trabalhou no grupo Investvar, mas a instabilidade na Aerosoles levou-a a assumir as rédeas do seu próprio destino

"Aventurei-me"

mas em Agosto deste ano iniciou a laboração. Denominada Salytpula, a fábrica de corte e costura de calçado de Cátia Rodrigues já emprega 16 pessoas, todas mulheres e ex-operárias da C.J. Clark's, a empresa inglesa de calçado que se instalou em Castelo de Paiva em 1988, vindo a encerrar e a mandar para o desemprego centenas de trabalhadores.

Cátia Rodrigues candidatou-se a uma Iniciativa Local de Emprego, promovida pelo IEFP, tendo proposto a criação imediata de oito postos de trabalho. Rapidamente duplicou a oferta de trabalho, tendo em conta as necessidades do mercado. "Trabalhamos essencialmente para grandes empresas de calçado em regime de subcontratação na prestação de serviços", explica.

O investimento já realizado ronda os 100 mil euros, sobretudo em máquinas de corte e costura, e não têm faltado encomendas. Com capacidade para gaspear 300 pares de sapatos/dia (parte dianteira do rosto do calçado que cobre o pé, e é cosida), a empresa tem prestado serviço, sobretudo, a fábricas de calçado de Felgueiras e Vale de Cambra. ■

Empresas em números

7764

criadas pelas ILE

Número de empresas criadas entre 2006 e 2008 ao abrigo do programa do IEFP designado por Iniciativas Locais de Emprego (ILE).

4682

criadas através de APE

O programa do IEFP designado Apoio à Criação do Próprio Emprego (APE) criou 4682 empresas entre 2006 e 2008.

29 264

a iniciar actividade

O número de empresas a fazer declaração de início de actividade quase chegava às 30 mil em 2007, mais do dobro do que em 2006 e quase o triplo do registado em 2005. Ministério das Finanças divulgou estas estatísticas do IRC, mas não encontrou explicação.

11 935

a cessar actividade

O número de empresas a cessar actividade em 2007 foi o mais baixo do triénio 2005-07 (dados do IRC 2007).



Desemprego em níveis históricos

Desde que há registos sobre o desemprego em Portugal, nunca houve tantos desempregados como no passado mês de Outubro. Dados do Eurostat mostram que temos a 5ª taxa mais alta da UE.



Mais mulheres e jovens à procura de emprego

O Eurostat revela ainda que há mais desemprego entre as mulheres (10,95) e entre os jovens. Abaixo dos 25 anos, a taxa de desemprego na UE foi de 20,6% – Portugal está ligeiramente abaixo.

empresário

de trabalho. Recorreram a apoios do IIEFP e renasceram

empregados, com idade igual ou superior a 45 anos, jovens à procura do 1.º emprego e beneficiários do Rendimento Social de Inserção.

O fenómeno inexplicado de 2007

Os números do Registo Nacional de Pessoas Colectivas (RNPC) não enganam quanto ao grau de empreendedorismo em Portugal. Entre o início de 2006 e Setembro último, foram criadas 127 546 empresas. Grande parte deste movimento pode ser

atribuído à “empresa na hora”.

As últimas estatísticas de IRC publicadas pelo Ministério das Finanças também trouxeram uma surpresa. Quase 30 mil sujeitos passivos de IRC iniciaram actividade em 2007, mais do dobro face a 2006 e 220% mais do que em 2005. O Ministério das Finanças não conseguiu justificar o facto insólito, mas a criação do próprio emprego através de programas do IIEFP é parte, embora pequena, da explicação para esse fenómeno.

“Tratam-se de sociedades que iniciaram a actividade. Muitas delas também morreram e mudaram de nome. A explicação está na crise. As pessoas foram despedidas e tentam iniciar um negócio, criando o seu próprio emprego. E muitos jovens saem das universidades e criam as suas empresas. Acredito que parte dessa realidade se deve aos programas do IIEFP”, afirma Domingues Azevedo, presidente da Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas. ■

Reportagem

JOSÉ VINHA
economia@jn.pt

Há sete anos, concluiu o Curso de Ciências de Comunicação da Universidade Fernando Pessoa, no Porto. Especializou-se em fotojornalismo, mas a dificuldade de arranjar emprego nos jornais ou em revistas raramente lhe deu a oportunidade de fazer o que gostava.

Desde muito jovem que queria ser fotojornalista e contar histórias de vida e do mundo através da máquina fotográfica, mas o mercado está saturado; e arranjar emprego na área do Jornalismo não é fácil. Anabela Jorge acabou por ir parar ao desempregado, durante três anos.

Mãe de um menino de oito anos, Anabela Jorge, 34 anos, descobriu, há dois anos, uma maneira de contornar o desemprego: criar a sua própria empresa.

O primeiro passo foi arrendar um espaço no centro histórico da cidade de Penafiel e, depois disso, decidiu abriu uma loja alternativa à oferta do comércio tradicional, sobretudo, numa cidade com fortes tradições nesta área.

Denominado, “Retinaphunk – Urban Concept studio”, o espaço alternativo associa a fotografia à comercialização de roupa, calçado ou bijutaria. Ou seja, a jovem penafielense associou a



Licenciada mas sem emprego, Anabela Jorge não desanimou e avançou com projecto

paixão pela fotografia à roupa e procurou direccionar o negócio para um público mais jovem. E conseguiu já afirmar-se como um dos pequenos negócios bem sucedidos na zona histórica de Penafiel.

“A ideia era vender roupa, calçado, acessórios de música e associar tudo isto à fotografia”, explica Anabela Jorge, hoje gestora da sua própria micro-empresa.

Anabela recorreu ao apoio do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IIEFP) e recebeu apoio financeiro ao abrigo do programa das Iniciativas Lo-

“Gosto do que faço e acredito que vou ser bem sucedida”, diz Anabela Jorge

cais de Emprego (ILE) destinado a promotores, individualmente ou associados, desempregados, jovens à procura de primeiro emprego e trabalhadores empregados, mas em risco de desemprego. Anabela Jorge reuniu as condições para ser apoiada e criou dois postos de trabalho. Hoje sente-se realizada no que faz. “Gosto do que faço e acredito que vou ser bem sucedida”, afirma.

O espaço, em pleno centro histórico de Penafiel, tem um mini estúdio de fotografia onde Anabela cria “books fotográficos” para os clientes jovens e, além do pequeno comércio de roupa, calçado, bijutarias, ainda se dedica à fotografia industrial ou de eventos sociais. ■

Projecto associa fotografia e moda